

EMIGRAR E RETORNAR: OLHARES E DESAFIOS DE BRASILEIROS E BRASILEIRAS QUE VOLTARAM DE PORTUGAL¹

ÁREA TEMÁTICA: Población, género e identidad

Romerito Valeriano da Silva

Doutorando em Geografia pela PUC-MG, mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade e professor de Geografia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Bolsista da FAPEMIG e CAPES. E-mail: *romerito@timoteo.cefetmg.br*

Duval Magalhães Fernandes

Doutor em Demografia – CEDEPLAR (UFMG), professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-MG. E-mail: *duval@pucminas.br*

Resumo

A emigração internacional de brasileiros para Portugal se destaca tanto por causa do grande fluxo dos que emigraram para terras lusitanas nos anos de 1990 e 2000, quanto pelo intenso retorno destes ao Brasil a partir de 2009. Baseando-se nessa realidade apresenta-se neste artigo parte das análises de uma pesquisa sobre alguns imigrantes brasileiros que retornaram de Portugal a respeito de suas perspectivas sobre a emigração e desafios com o retorno, optando-se por uma abordagem de gênero. Para a elaboração do artigo foram usados resultados de uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Distribuição Espacial da População, da PUC-MG, entre os anos de 2011 e 2013, que teve como objetivo estudar a imigração de retorno de brasileiros que residiam em Portugal. Os trabalhos de campo foram realizados nos estados do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Paraná e de Rondônia, nos quais foram entrevistados 703 imigrantes que retornaram de Portugal a partir de 2005. Com base nas entrevistas estruturadas realizadas com os imigrantes foi possível identificar as principais impressões destes sobre a emigração para Portugal e o retorno ao Brasil, bem como diferenciá-las de acordo com o sexo do entrevistado. Essas impressões são analisadas à luz das concepções de lugar apresentadas por Yi-Fu Tuan e da imigração de retorno desenvolvida por Abdelmalek Sayad. A pesquisa tornou possível construir o perfil dos retornados e aprofundar as análises das questões ligadas ao processo emigratório por uma perspectiva de gênero. Os resultados indicam a avaliação positiva desse processo e as expectativas e receios desses emigrantes em relação ao retorno ao Brasil.

Palavras-chave: Emigração internacional; Portugal; Brasil; Retorno.

Introdução

A emigração internacional vem se tornando um objeto de estudo cada vez mais visado, sobretudo por causa do aumento da circulação das pessoas em escala mundial como resultado da ampliação da integração econômica entre os países e da melhoria dos meios de transporte e comunicação. Diversos estudiosos tentam analisar empiricamente o fenômeno e alguns poucos buscam teorizá-lo.

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) cerca de 232 milhões de pessoas não viviam no país de nascimento em 2013². Esse dado confirma que a emigração internacional é um

¹ Este artigo conta com apoio da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e do CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais).

² Relatório das Nações Unidas sobre migração internacional e desenvolvimento. Disponível em: <www.un.org/esa/population/migration/ga/SG_Report_A_68_190.pdf>. Acesso em: 24 Jan. 2014.

fenômeno que interfere na vida de milhões de pessoas e exige políticas públicas específicas por parte dos governos.

Muitos dos emigrantes internacionais são permanentes. Apesar de irem para ficar por tempo determinado, acabam ficando por tempo indefinido. Contudo, vários outros decidem cumprir o destino migratório inicial, retornando para o país de origem. A decisão de retorno pode ser de cunho pessoal ou estar relacionada ao contexto econômico que os países de destino e de origem vivenciam.

Ao contrário da emigração internacional, o retorno não vem tendo a mesma atenção dos pesquisadores, o que pode estar vinculado a diferentes fatores, desde o fato de ser um fenômeno mais recente, quando se pensa no retorno em massa de emigrantes internacionais, até o fato de que é mais percebido nos países de origem dos emigrantes do que nos de destino. Isso porque, muitas das vezes, o emigrante que retorna é substituído no destino por imigrantes de outras regiões que estão a viver realidades diferentes em seus países de origem.

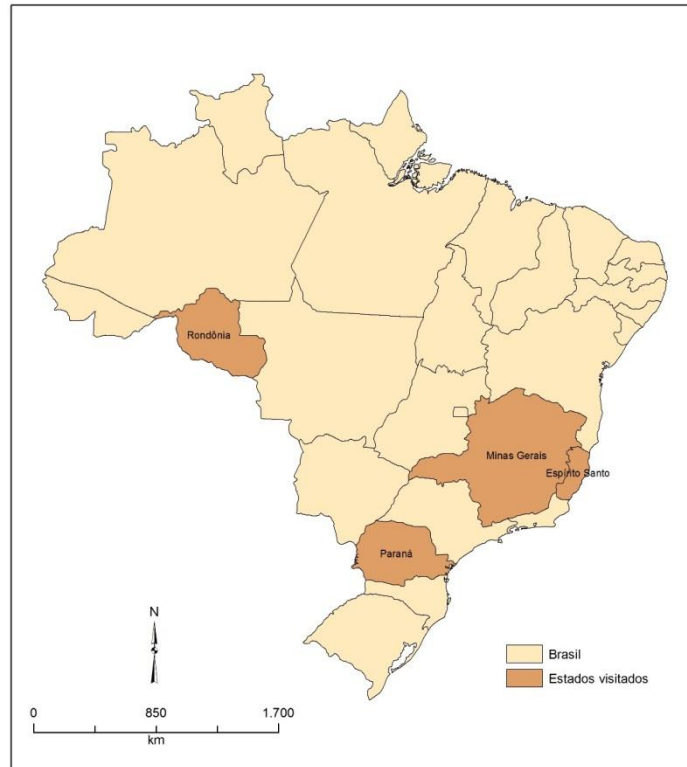
Neste sentido, a emigração internacional de brasileiros para Portugal se destaca tanto por causa do grande fluxo de brasileiros que emigraram para terras lusitanas nos anos de 1990 e 2000, quanto pelo intenso retorno destes para o Brasil a partir de 2009. Os dados são controversos, mas para alguns estudiosos do tema, os brasileiros chegaram a ser a maior comunidade de estrangeiros em Portugal nos anos 2000. Desde então esse número vem caindo de forma vertiginosa.


É baseando-se nessa realidade que o Grupo de Estudos em Distribuição Espacial da População, vinculado ao Programa de Doutorado em Geografia da PUC-Minas, vem se dedicando ao tema da emigração internacional pela perspectiva do retorno por meio de diferentes projetos de pesquisa. O que se pretende apresentar neste artigo é a análise de uma dessas pesquisas sobre a impressão do imigrante brasileiro que retornou de Portugal a respeito do processo emigratório e do retorno.

Para se fazer a análise, foram usados resultados de uma pesquisas desenvolvida pelo referido grupo de estudos entre os anos de 2011 e 2013³, que teve como objetivo estudar a emigração de retorno de brasileiros residentes em Portugal. Os trabalhos de campo foram realizados nos seguintes estados brasileiros: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e Rondônia, como se verifica no mapa a seguir.

³ Projeto: A crise e a migração de retorno: o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal. Projeto CNPq 477167/2010-1

Estados onde foram realizadas as entrevistas no Brasil



 PUC Minas	Programa de Pós-Graduação em Geografia: Tratamento da Informação Espacial GEDEP - Grupo de Estudos em Distribuição Espacial da População Laboratório de Geodemografia	Sistema de Projeção: WGS_1984 Fonte dos Dados: Pesquisa Amostral Elaboração: VALERIANO, R.
--	--	--

A escolha dos municípios brasileiros a serem visitados (e os respectivos estados) fundamentou-se na proporção de emigrantes em Portugal que tinha cada município, de acordo com os dados disponibilizados pelo censo demográfico brasileiro realizado pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística) em 2010. Assim, foram visitados os municípios que apresentavam maior número proporcional de emigrantes vivendo em Portugal, pois partiu-se do princípio de que esses municípios teriam maior probabilidade de contar com brasileiros que retornaram desse país.

O perfil dos entrevistados foi definido como sendo de homens ou mulheres que tivessem mais de 18 anos, que emigraram para Portugal antes de 2005 com o objetivo de lá trabalhar, ou que, mesmo sem esse objetivo, tenham exercido atividade remunerada e retornado para o Brasil a partir do referido ano. Portanto, trata-se de um perfil de migrante laboral.

Para encontrar os entrevistados foi utilizada uma técnica denominada “bola de neve”, muito comum em Ciências Sociais. Essa técnica é realizada da seguinte forma: o pesquisador encontra uma pessoa que se enquadre no perfil definido e esta, então, indica pelo menos outras duas tendo por base o mesmo critério, uma mais próxima e outra mais distante do convívio do primeiro entrevistado. Essa ação deve se repetir até que as respostas passem a ser muito semelhantes, o que poderá definir o limite do número de entrevistados. Trata-se, portanto, de uma amostra intencional que permite analisar apenas as características dos entrevistados, sem poder inferir sobre o restante da população de imigrantes.

Logo, por intermédio das entrevistas estruturadas aplicadas às pessoas com perfil acima descrito foi possível identificar as principais impressões dos imigrantes que retornaram, tanto do período que viveram em Portugal quanto do retorno para o Brasil. Essas impressões foram

analisadas à luz das concepções de lugar apresentadas por Yi-Fu Tuan (1975), e as de retorno desenvolvidas por Abdelmalek Sayad (1998).

O retorno para o lugar de origem

A ideia de retorno é muito bem trabalhada por diferentes pesquisadores (Gmelch, 1980; Cassarino, 2004; Siqueira, 2009; e Koolhaas, 2012), mas poucos desenvolveram uma abordagem sociológica de forma tão abrangente como Abdelmalek Sayad. Em um texto destinado especificamente à análise do retorno, Sayad (1998) apresentou as suas principais concepções sobre o tema.

Segundo Sayad (1998), a ideia de retorno é intrínseca à condição do migrante, porque não há entrada em um lugar que não implique a saída de outro para o qual se almeja retornar. Para o autor, a nostalgia do retorno é muitas vezes o que alimenta o emigrante. Ele tende a sacralizar o local de origem, idealizando que um dia poderá retornar ao paraíso que deixou. E, muitas das vezes, até retorna para passear, assim como os peregrinos viajam aos lugares de culto.

Porém, Sayad (1998) ressalta que a ideia do local de origem está muito vinculada a uma percepção do emigrante de que o local e as pessoas serão os mesmos que foram deixados quando da partida. Neste sentido, o autor afirma que às vezes o retorno pode vir acompanhado por muita frustração, porque o tempo e o lugar não são estáticos, eles mudam e por isso os imigrantes podem não se reconhecer nos lugares para onde voltam. Nas palavras de Sayad (1998:22): "...não há presença em um lugar que não implique ausência em outro, não há inserção nem integração no lugar de presença que não implique des-inserção ou des-integração nesse outro lugar que não é senão o lugar da ausência e lugar de referência para o ausente." (SAYAD, 1998:22)

Esse lugar, tantas vezes mencionado por Sayad, condiz com o conceito abordado com grande ênfase na Geografia e que foi melhor definido por Tuan (1975). Para esse autor, "o lugar é um centro de significados construído pela experiência". Para conhecê-lo, é necessário usar toda a nossa capacidade de criar experiências, dedicando-nos a isso tanto quanto nos dedicamos a conhecer uma pessoa. Não basta a visão, é preciso usar todos os sentidos para construir experiências que darão significado ao lugar. Nesse aspecto, o lugar de origem para o emigrante não é apenas um espaço geograficamente localizável, é aquele espaço no qual ele viveu experiências que criaram vínculos de afetividade. Portanto, quando do retorno, muitas vezes o emigrante não reconhece o local de origem como o seu lugar, porque o tempo passou e as coisas mudaram.

As novas construções, as ruas asfaltadas, as pontes que surgiram ou até mesmo as pessoas que envelheceram são elementos com os quais o emigrante não compartilhou experiências, portanto, na concepção deste, não condizem com o lugar que foi deixado. Logo, ele se sente deslocado, não se reconhecendo nesse lugar que já não é o mesmo. Segundo Tuan (1975), para se conhecer um lugar é exigida uma longa experiência e um profundo envolvimento. No caso do emigrante, ele precisará se envolver com a nova realidade da comunidade para criar novas experiências que irão ressignificar aquele lugar pra ele. E isso leva tempo, o que pode aumentar a ansiedade e a frustração dos que retornam.

É por meio da combinação dessas concepções de retorno para Sayad (2000), e de lugar para Tuan (1975), que serão analisadas as entrevistas com os brasileiros que retornaram de Portugal.

Apresentação e discussão dos resultados

Como já afirmado anteriormente, a pesquisa em campo se baseou na aplicação de entrevistas estruturadas nos municípios que apresentavam uma grande proporção de imigrantes em relação ao total de sua população. Foram entrevistadas 703 pessoas entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013.

Ao se usar para a realização das entrevistas a técnica "bola de neve", descrita na introdução, não se definiu uma estratificação dos entrevistados por sexo ou idade. Três critérios foram estabelecidos: os entrevistados deveriam ter mais de 18 anos, realizado uma emigração laboral para Portugal e o retorno para o Brasil deveria ter ocorrido a partir de 2005. Logo, o perfil dos

entrevistados está vinculado ao que foi encontrado em campo. As limitações da não estratificação etária e por sexo estão vinculadas à técnica escolhida para a identificação dos entrevistados.

Neste sentido, foram entrevistados mais homens (54,8%) do que mulheres (45,2%). Apesar de não se tratar de uma amostra aleatória, que assim poderia inferir uma realidade para todos os emigrantes que retornam para o Brasil, a proporção por sexo permite algumas considerações. Vários estudiosos do retorno afirmam que apesar de os homens serem mais propensos a emigrar, a situação de crise econômica nos países de destino provoca, inicialmente, um maior desemprego em setores tradicionalmente ocupados por estes. Isso condiz com a situação encontrada em campo, porque, segundo essa hipótese, são mais homens do que mulheres que primeiro retornam em um contexto de crise, logo haveria maior probabilidade de se encontrar mais homens que retornaram.

Outro dado que chama atenção é a idade dos entrevistados. A idade média destes é de 34 anos, sendo que as idades mais frequentes estão entre 29 e 36 anos. Essa faixa etária condiz com o perfil laboral dos entrevistados. Deve-se levar em consideração que muitos dos entrevistados retornaram a partir de 2005, assim torna-se necessário descontar da idade o tempo transcorrido entre a data de retorno e a realização da entrevista para se saber a idade dos entrevistados quando retornaram ao Brasil. Como a maioria deles retornou pelo menos três anos antes da data de realização da entrevista, pode-se reduzir a idade média para 31 anos e as idades mais frequentes para o intervalo entre 26 e 33 anos, o que não muda o perfil laboral da faixa etária em destaque.

A maioria dos entrevistados (47,4%) se declarou casada; 31% afirmaram que estavam solteiros; 11,5%, que viviam junto com seu companheiro ou companheira, mas sem oficialização da união; 8,3% identificaram-se como separados ou divorciados; e o restante (1,6%) declarou-se como viúvos. O predomínio do estado civil casado condiz com a faixa etária dos entrevistados, já que, de forma geral na sociedade brasileira, os indivíduos tendem a se casar mais entre os 20 e os 35 anos, apesar de essa faixa etária aumentar a cada ano.

Em relação à escolaridade, pode-se constatar que 38,4% dos entrevistados terminaram o ensino médio, enquanto 12,2% só estudaram até a 8ª série do ensino fundamental, e 8,5%, até a 4ª série primária. A escolaridade mais frequente – ensino médio completo – demonstra que no grupo dos entrevistados que retornaram predominam pessoas com um bom nível educacional, que supera a escolaridade média dos portugueses e brasileiros. Contudo, o fato de 20% dos entrevistados terem escolaridade menor do que quatro anos é um indicativo de que se trata de um subgrupo com menor qualificação profissional, que condiz com a chamada segunda vaga de imigrantes brasileiros tratada por alguns pesquisadores do tema, como Peixoto (2007).

Agora que já se conhecem as principais características dos entrevistados torna-se possível analisar suas percepções a respeito do retorno e do processo emigratório, tendo em mente o perfil básico do respondente ilustrado anteriormente.

Percepção sobre a emigração

A avaliação do emigrante sobre o período em que viveu no exterior influencia a sua percepção sobre o retorno. Daí, é fundamental, para entender a percepção do retorno, conhecer como o emigrante avalia sua permanência no exterior. É importante destacar que há limitações sobre os resultados de uma entrevista estruturada sobre o retorno, como aponta Gmelch (1980). Muitas das vezes, o entrevistado pode se sentir constrangido em responder o que realmente pensa e acaba se escondendo por trás de algumas respostas prontas, bem como tende a se atrair por respostas neutras para evitar demonstrar as suas verdadeiras percepções a um estranho (o entrevistador). Porém, mesmo com essas limitações, este ainda é um instrumento importante, principalmente quando se combinam as respostas de diferentes entrevistados de forma a se perceber alguns padrões.

Neste sentido, a análise das entrevistas permite afirmar que 48% dos entrevistados avaliam sua estada em Portugal como de sucesso. Em contrapartida, 47% avaliam como meio termo, e apenas 5% a classificam como de fracasso. Esses resultados indicam que para 95% dos

respondentes o período em Portugal foi bom ou ótimo. É importante destacar que essa avaliação variou de forma significativa entre os respondentes do sexo masculino e feminino.⁴ Os homens demonstraram mais entusiasmo, e por isso tendiam a avaliar mais a sua estada como de sucesso, enquanto as mulheres foram mais comedidas e consideraram sua permanência em Portugal como meio termo. Isso demonstra que a realidade no exterior não é a mesma para os dois grupos. É fartamente apresentado na literatura o maior preconceito contra a mulher brasileira em Portugal; é como se ela sofresse preconceito por ser estrangeira, mulher e brasileira. Tudo isso pode influenciar a maneira como as mulheres avaliam a sua estada em terras lusitanas. Chama atenção ainda, mediante o que foi dito no parágrafo anterior, o percentual de entrevistados que respondeu meio termo. Sobretudo quando se compara com a resposta dada na questão seguinte sobre se o entrevistado aconselharia outra pessoa a emigrar.

Quase 67% dos respondentes disseram que não aconselhariam outra pessoa a emigrar, contra só 32,4% que fariam o contrário. Quando se cruzam as informações sobre a avaliação da emigração e o incentivo à emigração de terceiros, tem-se o seguinte resultado: 61% dos que disseram que tiveram sucesso com a emigração não aconselhariam outra pessoa a emigrar, e 70% dos que avaliaram sua estada como meio termo também dariam o mesmo conselho. Já 91% dos que classificaram sua estada como de fracasso não aconselhariam outra pessoa a emigrar. Esse cruzamento de respostas indica que os resultados da avaliação da estada pelos entrevistados como de sucesso ou meio termo pode estar superdimensionada. Fica incoerente entender porque uma pessoa que teve sucesso ou, pelo menos, não teve fracasso, não indicaria para outro potencial emigrante o mesmo caminho que percorreu. Neste sentido, os que afirmaram que tiveram fracasso foram mais coerentes, porque a grande maioria não indicaria a emigração como opção para outra pessoa. Mais uma vez as mulheres apresentaram uma opinião significativamente diferente da apresentada pelos homens⁵. Mesmo tendo avaliado a estada em Portugal com menos entusiasmo do que os homens, elas tendiam mais a aconselhar outra pessoa a emigrar do que estes. Essa variação na resposta entre os sexos confirma ainda mais a relatividade da avaliação da estada em Portugal por parte do imigrante.

Outro cruzamento de respostas interessante de ser feito é entre a avaliação da estada e se o entrevistado considera que valeu a pena emigrar. Nesses quesitos os respondentes foram mais coerentes. Mais de 95% dos que afirmaram que seu período em Portugal foi um sucesso indicaram que valeu a pena ter emigrado. Mesma resposta apresentada por 85% dos que avaliaram sua estada como meio termo. Também foi coerente a resposta dos que consideraram seu período em Portugal como de fracasso: 80% deles acham que não valeu a pena ter saído do Brasil. Nesse aspecto não houve diferença na resposta entre homens e mulheres, logo a grande maioria (88%) dos imigrantes de ambos os sexos considerou que valeu a pena ter emigrado. Contudo, os respondentes que tinham entre 23 e 43 anos foram os que mais consideraram positivamente a emigração, sendo que os que tinham idade menor ou maior em relação a essa faixa etária apresentaram opinião contrária.

As respostas mais frequentes do porquê de a maioria dos entrevistados afirmar que valeu a pena ter emigrado são, respectivamente, “conheceu outra cultura”; “acumulou dinheiro” e, associado a essa última resposta, “adquiriu imóvel ou reformou a casa”; “adquiriu bens”; e o “custo de vida em Portugal era menor”. Por outro lado, as respostas mais frequentes em relação aos motivos pelos quais os entrevistados consideraram que não valeu a pena ter emigrado foram: “frustração”; “questões familiares”; e “as condições de vida em Portugal pioraram com a crise”.

A maioria dos entrevistados (72%) acredita que sua experiência em Portugal valorizou a sua vida profissional no Brasil, principalmente porque lhes permitiu acumular conhecimentos e aprendizados. Contudo, os homens apresentaram opinião mais favorável a essa valorização do que

⁴ Para um nível de significância de 0,05, existem evidências estatísticas para se afirmar que a avaliação do período de permanência em Portugal é diferente entre homens e mulheres. Sig= 0,009 < 0,05 confirma a dependência entre as variáveis. Teste do Qui-Quadrado Chi².

⁵ Para um nível de significância de 0,05, existem evidências estatísticas para se afirmar que a resposta à questão sobre se aconselharia outra pessoa a emigrar é diferente entre homens e mulheres. Sig= 0,000 < 0,05 confirma a dependência entre as variáveis. Teste do Qui-Quadrado Chi².

as mulheres⁶. Isso demonstra que os homens tenderam a exercer no Brasil funções mais parecidas com aquelas que exerciam em Portugal do que as mulheres.

Também a maioria dos entrevistados (76%) afirmou sentir falta de alguma coisa do período em que viveu em Portugal, com destaque para os amigos, possibilidades de lazer e vida social. A resposta a essa questão não variou de forma significativa entre homens e mulheres. Esse saudosismo em relação a Portugal indica um saudosismo em relação à vida em um grande centro urbano. Os entrevistados viviam no Brasil em municípios pequenos, e a maior parte deles voltou para esses mesmos municípios, onde encontrou dificuldades para o acesso a meios de lazer e a uma vida social mais agitada como a que encontravam em Portugal, ou porque viviam em Lisboa, ou a menos de 100 km desta, em um país com uma estrutura de transporte público que facilitava o acesso a qualquer grande cidade portuguesa. Daí muitos apontarem a saudade da vida social e do lazer que proporciona um grande centro.

A predominância de uma avaliação positiva da emigração para Portugal entre os respondentes da pesquisa ficou evidente na análise dos dados, apesar de esse item necessitar ser contextualizado. Como foi possível perceber, há uma aparente contradição entre muitos que respondem que sua estada foi um sucesso e ao mesmo tempo não indicariam a emigração para outras pessoas. Isso pode se referir a questões no processo de emigração que o entrevistado acabou por não mencionar, mas que diminuem a confiabilidade sobre a avaliação de sua estada.

As diferenças na avaliação da emigração entre homens e mulheres é um indicativo de que as condições de vida em Portugal e o processo emigratório não são os mesmos para pessoas de sexo diferente. A condição de imigrante e mulher torna a emigração um processo mais complexo, pelo menos para o grupo em análise. A faixa etária predominante dos que acham que valeu a pena emigrar condiz com a dos emigrantes laborais, que pela idade provavelmente encontraram maior facilidade para se incorporar ao mercado de trabalho. Da mesma forma, por serem ainda jovens, em muitos casos, ao retornarem, encontraram os familiares no lugar de origem sem que grandes mudanças tivessem acontecido. Em contrapartida, os mais velhos vivenciaram realidades bem diferentes.

A percepção da emigração esboçada na análise dos dados realizada até aqui, combinada com as características dos entrevistados, cria o contexto para verificar a percepção sobre o retorno dos emigrantes para o Brasil, o que se fará a seguir.

Percepção sobre o retorno para o Brasil

Para analisar a percepção dos entrevistados a respeito do retorno serão apresentados os resultados de forma geral, por sexo, quando houver variação significativa, e depois realizados alguns cruzamentos de dados para verificar as influências de determinadas características dos respondentes em relação às percepções apresentadas.

A maior parte dos entrevistados (45%) respondeu que voltou para o Brasil por causa de questões familiares. Em seguida, 17% apresentaram a crise financeira internacional, o desemprego e a desvalorização do euro frente ao real como razões principais para o retorno. É importante destacar que para 55% dos entrevistados a crise financeira internacional não teve influência em sua decisão de retornar, mesmo com 68% deles tendo voltado a partir do primeiro ano após o início da crise. Entre os homens o percentual dos que afirmaram que voltaram por causa da crise é superior a 50%, já entre as mulheres é inferior a 40%, o que demonstra uma avaliação significativamente diferente entre homens e mulheres sobre a importância da crise na sua decisão de retorno ao Brasil⁷. Essa

⁶ Para um nível de significância de 0,05, existem evidências estatísticas para se afirmar que a resposta à questão sobre se achava que a experiência no exterior valorizou a sua vida profissional no Brasil é diferente entre homens e mulheres. Sig= 0,000 < 0,05 confirma a dependência entre as variáveis. Teste do Qui-Quadrado Chi².

⁷ Para um nível de significância de 0,05, existem evidências estatísticas para se afirmar que a resposta à questão sobre se a crise internacional teve importância em sua decisão de retorno é diferente entre homens e mulheres. Sig= 0,047 < 0,05 confirma a dependência entre as variáveis. Teste do Qui-Quadrado Chi².

variação de percepção pode estar associada ao fato de que os setores tradicionalmente ocupados pelos imigrantes do sexo masculino, como a construção civil, foram os mais afetados pela crise, enquanto os setores ocupados pelas mulheres, por serem serviços mais essenciais, como cuidado com idosos e limpeza, sofreram menos com ela, pelo menos no início do período vivenciado pelos entrevistados. Mesmo assim, a avaliação geral de que a crise não impactou a decisão de retorno é curiosa, porque a maioria dos respondentes voltou logo após seu início, mas não atribui a ela a razão para o seu retorno, preferindo mencionar questões familiares.

Alguns dos estudiosos do retorno, como Sayad (1998), afirmam que este é parte do ato de emigrar, assim pode-se entender que o retorno já era o projeto de muitos dos que emigraram. A crise econômica de Portugal, combinada com a divulgação do Brasil como um dos oásis em meio ao deserto da crise, pode não ter influenciado na decisão de retornar, porque esta já existia desde que haviam decidido emigrar, mas pode ter influenciado no quando retornar, mesmo que seja mais fácil para o entrevistado atribuir os motivos principais às questões familiares.

Apesar de assegurarem que voltaram por questões familiares, quase 40% dos respondentes afirmou que não mora com as mesmas pessoas com que morava antes de emigrar. Para 47,2% dos entrevistados, o retorno não ocorreu como haviam planejado, principalmente porque voltaram antes do que haviam pensado (o que condiz com a hipótese de influência da crise sobre o quando retornar) e acreditavam que voltariam melhor economicamente. As expectativas econômicas são a mola mestra para a emigração laboral e sua não realização uma das principais fontes de angústia para o retornando.

A frustração de muitos dos entrevistados pode estar vinculada ao modelo de emigração para os Estados Unidos que predomina no imaginário popular em algumas regiões brasileiras nas quais foram realizadas as entrevistas, como as possibilidades de ganhos financeiros que são muito maiores para os emigrantes que têm como destino os Estados Unidos, o que se evidencia em seus investimentos nas regiões de origem no Brasil. Muitos emigrantes que foram para Portugal, ao retornarem em um momento de enfraquecimento econômico deste país, que normalmente já não apresentava o mesmo dinamismo econômico dos Estados Unidos, se comparam com os retornados dos Estados Unidos e acabam por concluir que não tiveram ganhos financeiros compatíveis com os de retornados de outros destinos, aumentando assim a sua frustração, o que vai ao encontro concepção de privação relativa de Stark e Taylor (1991).

Surpreendentemente, a maioria dos entrevistados (66%) afirmou não ter tido dificuldades para se readaptar ao Brasil. Contudo, para um terço dos entrevistados, houve dificuldades na sua readaptação. Entre as dificuldades mais apontadas destacam-se o custo de vida alto do Brasil, a diferença climática entre o Brasil e Portugal e os problemas para se conseguir emprego. As mulheres tenderam mais a apontar dificuldades para se readaptar ao Brasil do que os homens⁸. Isso demonstra que a mulher sofre mais com a emigração e também tende a sofrer mais com o retorno, o que está associado mais uma vez ao contexto de onde saíram e para onde voltaram as mulheres entrevistadas nesta pesquisa. Trata-se de municípios pequenos, onde apesar das mudanças, ainda é forte o machismo e patriarcalismo do interior do Brasil. Os homens são criados para se arriscar, já as mulheres, para ficar em casa e cuidar da família, daí o peso social da reinserção daquelas que ousaram agir como homens e se arriscar é maior, porque a sua “pureza” pode ter sido contaminada pela vida no exterior, que não é só exterior no sentido estrangeiro, é o exterior da casa e dos olhos da comunidade, que fiscaliza muito mais a vida da mulher do que a do homem.

Mesmo com as ponderações apresentadas por parte dos entrevistados que tiveram dificuldades para se readaptar, 88% destes afirmaram que valeu a pena retornar. Esse índice chega a ser de 80% entre os que tiveram dificuldade de readaptação, o que mostra que, mesmo com alguns problemas no retorno, os entrevistados acharam que essa foi uma decisão acertada.

A dificuldade de adaptação de parte dos retornados pode estar associada à dificuldade de reconhecer o lugar de origem, porque, como afirma Tuan (1975), novas experiências necessitam ser

⁸ Para um nível de significância de 0,05, existem evidências estatísticas para se afirmar que a resposta à questão sobre se teve alguma dificuldade para se readaptar ao Brasil após o retorno difere entre homens e mulheres. Sig= 0,000 < 0,05 confirma a dependência entre as variáveis. Teste do Qui-Quadrado Chi².

vividas para se resignificar o lugar, o que leva tempo. Tanto que, quando o entrevistado tem mais tempo que retornou ao Brasil, tende a dizer que não teve dificuldades, ao contrário dos que voltaram há pouco tempo.

Apesar de os entrevistados que afirmaram ter dificuldades de adaptação no retorno não serem a maioria, eles representam pouco mais de um terço do grupo em análise, o que é um montante considerável. Além disso, quase 25% dos que disseram não ter dificuldade afirmam que a vida hoje não é melhor do que a que tinham em Portugal. Esse percentual chega a 31% quando se observa o total dos entrevistados. Tal afirmação condiz com uma visão saudosista de Portugal, principalmente do custo e da qualidade de vida de lá, o que condiz com uma idealização do 'paraíso perdido'. Contudo, a maioria dos respondentes que acham a vida no Brasil melhor do que a que levavam em Portugal justifica essa afirmação por intermédio de um dado afetivo: a proximidade da família. Essa é uma forma de justificar o retorno que não pode ser comparada com os ganhos financeiros e com a qual Portugal não pode competir.

Pouco mais de um quarto dos entrevistados (26%) pensa em voltar a emigrar; destes, a maior parte, como era de se esperar, está no grupo que indicou dificuldades de adaptação com o retorno. A proporção dos que pensam em voltar a emigrar é praticamente a mesma entre homens e mulheres, sendo que os mais jovens têm maior disposição para essa nova emigração do que os mais velhos. A maior parte dos que pensam em voltar a emigrar apresentam como destino Portugal (17%), principalmente por já conhecer o país e por causa das redes de contatos formadas. Contudo, são frequentes outros países, como Estados Unidos e França.

Apesar do número de potenciais reemigrantes no grupo dos respondentes não ser a maioria, trata-se de um percentual elevado que demonstra, por um lado, a dificuldade com o retorno, e por outro, a facilidade adquirida com a experiência migratória. É um tipo de emigrante que não se contenta mais em ficar parado; a emigração que antes, para muitos, era a última alternativa, para alguns, agora, é apenas mais uma.

Considerações finais

A pesquisa tornou possível construir o perfil dos retornados e aprofundar as análises das questões ligadas ao processo migratório. Os resultados indicam uma avaliação predominantemente positiva desse processo, uma vez que a mudança de país permitiu, segundo os entrevistados, abrir novas perspectivas de vida. Contudo, ficou nítido que as mulheres tenderam a apresentar uma avaliação mais crítica de sua estada no exterior, o que condiz com as maiores dificuldades encontradas no processo migratório por esse grupo que, fora do país, tendeu a enfrentar uma vulnerabilidade maior por ser estrangeiro e também por ser mulher.

Os problemas causados pela crise econômica, mesmo que não explicitamente admitidos por todos, têm forte impacto na decisão de retorno. Os resultados indicam de forma categórica que a análise do retorno não pode ser feita com base em critérios exclusivamente objetivos, como impacto da crise, idade, sexo e outros. Pelo contrário, aspectos subjetivos, como os vínculos afetivos e familiares, são parte basilar da decisão de retorno de forma direta ou indireta, sendo assim uma justificativa mais fácil de ser admitida pelo retornando, por ser moralmente aceita e compreendida. É mais fácil dizer que voltou pela mãe doente do que admitir que fracassou em sua empreitada emigratória.

A volta, para muitos, transforma-se em uma nova emigração, que, no caso das mulheres, tende a ser ainda mais complicada, porque, como apontado nos dados, estas têm mais dificuldades para se adaptar ao retorno. Em muitos casos, como ressaltado por Sayad (1998), o imigrante é visto como traidor pela comunidade de origem. Para as mulheres essa alcunha é ainda pior, porque, muitas vezes, são consideradas como tendo traído o destino de mãe e submissas a que estavam sujeitas em muitas comunidades pequenas, o que dificulta ainda mais a sua readaptação.

Para os imigrantes, o retorno muitas vezes é a partida para um local antes conhecido e agora desconhecido, cuja identificação ficou perdida e presa ao momento do início do processo migratório. Essa situação faz surgir na nova região de destino, antigo local de partida, a visão, por

boa parte dos entrevistados, da perda do “paraíso”, que ficou na Europa. Nesse aspecto há uma inversão da funcionalidade estabelecida aos lugares: antes, o sagrado era o lugar de origem no Brasil, como afirma Sayad (1998), depois, passa a ser o que foi deixado para trás, no caso, Portugal. Isso mostra que o sagrado é o que não se tem, podendo ser a origem ou o destino da emigração, dependendo de onde se está, o que pode influenciar a avaliação dos retornados sobre o lugar para onde se emigrou, levando-os a supervalorizarem o processo emigratório.

O sentimento contraditório sobre o retorno, que retarda ou impede a adaptação do imigrante à nova realidade, gera o conflito do total não pertencimento. Antes o imigrante era um estrangeiro em outro país; agora, é um estranho no próprio país. Esses sentimentos condizem com as concepções de retorno e lugar apresentadas por Tuan (1975) e Sayad (1998), confirmando a pertinência da fundamentação sociológica e geográfica apresentada pelos autores como base para o entendimento do tema. Tais constatações indicam novas possibilidades de estudo que merecem ser aprofundadas.

BIBLIOGRAFIA

CASSARINO, Jean-Pierre. **Theorising Return Migration: the conceptual approach to return migrants revisited**. International Journal on Multicultural Societies (IJMS), UNESCO, Volume 6, n° 2, pp. 253 -279, 2004. Disponível em: <[www.unesco.org/shs/ijms/ vol6/issue2/art4](http://www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4)> Acesso em: 27 Mar. 2013.

GMELCH, George. **Return Migration**. Annual Review of Anthropology, Vol. 9, pp. 135-159, 1980. <Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2155732>> Acesso em: 27 Mar. 2013.

KOOLHAAS, Martín. **Migración de retorno en Uruguay: magnitud, perfil demográfico e inserción laboral (1996-2011)**. V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, 2012, Montevideo, Uruguai. Disponível em:< http://www.alapop.org/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=1149&Itemid=561>. Acesso em: 27 Jun. 2012.

PEIXOTO, J. **Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal**. *Análise Social*, vol. XLII (183), pp. 445-469, 2007. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218647535Z7fQO2pn5Wq90GM6.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2012.

STARK, O.; TAYLOR, J. E. **Migration Incentives, Migration Types: The Role of Relative Deprivation**. The Economic Journal, v. 101, n. 408, set/1991, p 1163-1178. Disponível em:<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2234433>>. Acesso em: 05, Set. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante**. In: Travessia: revista do migrante (especial). São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios, Jan. 2000.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/ Estados Unidos**. Belo Horizonte: Ed. Argumentum, 2009.

TUAN, Yi-fu. **Place: An Experiential Perspective**. Geographical Review, Vol. 65, No. 2 (Apr. 1975), pp. 151-165. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/213970>>. Acesso em: 21 Jan. 2014

